

O EGRESSO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL: UM ESTUDO DOS FORMADOS NO PERÍODO DE 1998 A 2006

Liliane Machado Cabreira¹
Lourdes Missio²

Resumo

No momento em que o Curso de Enfermagem da UEMS está completando 15 anos de desenvolvimento e iniciando o processo de avaliação da implantação de uma proposta de ensino diferenciada, julgamos importante realizar um estudo junto aos egressos, descortinando suas trajetórias do período de formação e de inserção na vida profissional, no intuito de buscar subsídios para a melhoria da qualidade de ensino no Curso. Com esta pesquisa pretendeu-se conhecer aspectos das trajetórias dos egressos do Curso de Enfermagem da UEMS, formados no período de 1998 a 2006. Pesquisa exploratória, de caráter descritivo e corte transversal, pautada na abordagem quanti-qualitativa. Conclui-se que o egresso de Enfermagem da UEMS, é jovem; há prevalência do sexo feminino; concentra-se em Dourados e região. O ingresso no mercado profissional deu-se por meio do contrato de trabalho, e foi imediato após a conclusão do Curso. Os egressos atuam principalmente em ESF, hospital e ensino. São enfermeiros que valorizam a educação continuada, enfrentam dificuldades na enfermagem, mas são realizados com a profissão. Com os resultados do estudo, visualizamos a necessidade de maior abordagem na academia dos assuntos de gestão e ensino. Espera-se fornecer subsídios para adoção de políticas internas no Curso de Enfermagem e na Universidade, baseadas no conhecimento da relação entre a formação do acadêmico e a sua prática profissional e, tornar disponíveis informações para fomentar futuras pesquisas sobre o Curso, enriquecendo o registro histórico tanto deste, quanto da Universidade.

Palavras chave: Trajetórias. Educação Superior. Enfermagem.

Abstract

Just as the Nursing Course of UEMS is completing 15 years old of development and it is starting the process of testing the implantation of a differential education task, we judge important perform a study together to the egresses, discovering your trajectories of the period of formation and the insertion in the professional life, in order to search allowances to a quality improvement

¹ Acadêmica da 4ª série Curso de Enfermagem da UEMS. Unidade Universitária de Dourados. Bolsista UEMS. E-mail: liliane.cabreira@hotmail.com

² Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem da UEMS. Unidade Universitária de Dourados. Orientadora. End: Rua Joaquim Alves Taveira, 1945. Cep: 79824-100, Dourados/MS. E-mail: lourdesmissio@uems.br

of the study in the course. With this research it wanted to know the characteristics of the egresses trajectories of the Nursing Course of UEMS, formed in the period of 1998 to 2006. Exploratory research, of descriptive character and cross cut, guided in the qual-quantitatively approach. It conclude that the egress of the UEMS Nursing, it is young; has a female prevalence; focuses in Dourados and region. The join in the professional market was given by a work contract, and it was immediately after the Course conclusion. The egresses act mainly in the ESF, hospital and education. The nurses are who value the continued education, they face the difficulties at the nursing, but they are made with the job. With the study results, we see the necessity of a greater approach on the subjects of the management and education academy. It is waited to be provided allowances for an adoption of internal politics of the Nursing Course and at the University, based on the knowledge of relation between the academic formation and his professional practice and, become available information for promote researches in the future about the Course, enriching the historic record as that, as the University.

Key-words: Trajectories. Higher Education. Nursing.

1 Introdução

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul tem a missão de “gerar e disseminar o conhecimento, voltada para a interiorização, e com compromisso em relação aos outros níveis de ensino” (MATO GROSSO DO SUL, 2008). Quando iniciou suas atividades, em 1994, a UEMS procurou estruturar o ensino no nível Fundamental e Médio do Estado, uma vez que a área da educação básica apresentava-se deficiente, com grande carência de professores qualificados para atuar, tanto na rede municipal quanto na estadual (MISSIO, 2001).

O município de Dourados, na época da criação da Universidade, já era uma cidade pólo na prestação de serviços para aproximadamente outros 20 municípios de seu entorno, destacando-se, entre esses serviços, o da saúde. Era consenso, então, que um dos cursos oferecidos pela UEMS atendesse também a essa importante área, que se apresentava com grande potencial de crescimento necessitando, para tanto, da formação de profissionais qualificados, dessa forma, “[...] definiu-se que esse curso seria o de Enfermagem e Obstetrícia, compondo, assim um curso na área de saúde para a UEMS” (MISSIO, 2001, p.52).

O primeiro vestibular da UEMS foi realizado em maio de 1994, ofertando 830 vagas, distribuídas em dezoito cursos, em todas as suas Unidades de Ensino. Para o Curso de Enfermagem e Obstetrícia (como era denominado na época), foram abertas e preenchidas 50 vagas. As aulas iniciaram em agosto do mesmo ano, sendo em período integral, com regime

acadêmico seriado anual, duração de quatro anos e carga horária total de 3.585 horas (MISSIO, 2001).

A proposta curricular do Curso de Enfermagem da UEMS era baseada em um modelo assistencial voltado para o atendimento hospitalar, seguindo o Parecer N° 163/1972. Em novembro de 1994 passou por algumas modificações pouco significativas, alterando nomenclaturas, carga horária e ementários de algumas disciplinas (MISSIO, 2007).

Galleguillos e Oliveira (2001) comentam a preconização de um profissional especializado para acompanhar a evolução científica na área da saúde, que avançava principalmente no sentido de uso de novos medicamentos e equipamentos da indústria médico-cirúrgica. As mesmas autoras afirmam, ainda, que este currículo foi questionado por estabelecer uma especialização precoce, o que poderia interferir na formação geral do acadêmico; e pela denominação para designar o curso: Enfermagem e Obstetrícia.

Mais uma mudança na estrutura curricular do Curso de Enfermagem da UEMS aconteceu em 1996, fundindo as disciplinas teóricas com as respectivas práticas, alterando novamente a grade e adequando as nomenclaturas. Neste mesmo ano, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (N° 9.394/96), abriu-se espaço para a flexibilização dos currículos dos Cursos de graduação, e os Cursos de Enfermagem retomam discussões sobre o processo de formação.

Em 1997 foi formulado o Primeiro Projeto Político Pedagógico (PPP) para suprir às necessidades do processo educativo demandadas pela evolução do Curso e para atender a Legislação da Universidade – Resolução CEPE/UEMS N° 63, de 12/03/1997 – e da Legislação do Ministério da Educação e do Desporto, sobre o Curso de Enfermagem, pela Portaria N° 1.721 de 15/12/1994 e Parecer N° 314/94, do então Conselho Federal de Educação. Cabe lembrar que a referida Portaria não foi plenamente atendida por esta mudança (MISSIO, 2001).

O Projeto Político Pedagógico estabeleceu bases, por meio do ensino, pesquisa e extensão, para a formação de Enfermeiros aptos a prestar assistência fundamentada e sistematizada, e a visualizar o ser humano como um todo e com suas necessidades bio-psico-sociais, além de serem possuidores de visão crítica, ética e política (MISSIO, 2001).

Segundo Esperidião (2005, p. 54), os projetos político-pedagógico dos cursos se constituem em:

um instrumento orientador que busca definir de forma indissociada as diretrizes de um curso de graduação, contemplando aspectos políticos e pedagógicos, além de concepções ideológicas articuladas com o contexto social, econômico e político onde o currículo vai ser implementado. Daí a necessidade de envolvimento com o processo educativo entre todos os atores das respectivas instituições de ensino, pois representa os seus anseios voltados para a necessidade de construir estratégias que fundamentem ações interdisciplinares, tendo como predomínio, o interesse de autonomia profissional para agir e interagir, além do compromisso definido no coletivo.

No final da década de 90, no Curso de Enfermagem da UEMS, o corpo docente e discente passaram a refletir os novos rumos que o Curso deveria tomar. Para tanto, a partir de 2001 e por um período de três anos, desenvolveram-se atividades em forma de reuniões, oficinas e seminários permitindo a (re)estruturação do Projeto Político Pedagógico em 2003. Esta nova proposta, chamada de Currículo Integrado foi implantada em 2004, para a turma ingressante neste ano. A primeira turma de Enfermagem, a partir do atual PPP, concluiu o Curso no final de 2007, finalizando suas atividades acadêmicas, com a colação de grau, no início de 2008.

No momento em que o Curso de Enfermagem da UEMS está completando 15 anos de desenvolvimento e iniciando o processo de avaliação da implantação de uma proposta de ensino diferenciada, julgamos importante realizar um estudo junto aos egressos, descortinando suas trajetórias do período de formação e de inserção na vida profissional, no intuito de buscar subsídios para a melhoria da qualidade de ensino no Curso.

Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo central caracterizar o meio socioeconômico familiar de origem dos egressos do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, do período de 1998 a 2006, bem como as trajetórias escolar e profissional destes egressos.

Um estudo da primeira turma de egressos do Curso foi realizado por Missio (2001), constituindo sua dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Exceto esta pesquisa, ainda não houve outros estudos desta natureza.

Conhecer a trajetória do egresso do Curso de Enfermagem da UEMS é uma tarefa que se mostra extensa e, ao mesmo tempo, desafiadora e necessária, uma vez que, disponibilizando esses dados sistematizados, haverá subsídios para adoção de políticas internas no Curso de

Enfermagem e na Universidade, baseadas no conhecimento da relação entre a formação do acadêmico e a sua prática profissional.

Reforçando a importância do estudo de trajetórias, Nosella e Buffa (2000, p. 72) afirmam que:

O estudo das trajetórias escolar e profissionais é um recurso metodológico importante para se compreender as necessidades que a sociedade, numa dada época, tem de determinados profissionais, como também a própria inserção desses profissionais nessa sociedade.

Dessa forma, salienta-se que o interesse na busca dessas informações foi importante para a obtenção de uma visão panorâmica da formação – produto do Projeto Pedagógico anterior do Curso de Enfermagem da UEMS. Além de contribuir para o conhecimento, por parte da comunidade acadêmica da Instituição, a respeito de uma parcela de seus egressos, espera-se tornar disponíveis dados para fomentar futuras pesquisas sobre o Curso de Enfermagem da UEMS, enriquecendo o registro histórico tanto do Curso quanto da Universidade.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, de caráter descritivo e corte transversal, pautado na abordagem quanti-qualitativa, que foi desenvolvido através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado aos egressos do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, formados do ano de 1998 até o ano de 2006.

O instrumento para coleta de dados, o questionário, foi montado de acordo com os objetivos da pesquisa. Foi realizado um pré-teste do instrumento com dois egressos de Enfermagem de outra instituição, e uma vez que considerado aplicável e satisfatório para cumprimento dos objetivos propostos, não houve necessidade de modificação do mesmo.

O primeiro levantamento do número de egressos de Enfermagem de 1998 a 2006 foi feita no site da UEMS, no link de Assuntos Acadêmicos, onde obteve-se a informação de que há 235 egressos deste período.

O segundo passo foi buscar informações para a localização dos sujeitos. Foi enviado, pela orientadora desta pesquisa, a solicitação à DRA (Diretoria de Assuntos Acadêmicos), de uma lista com o nome, ano de conclusão do Curso, endereço, telefone e e-mail dos 235 egressos. A justificativa foi pela necessidade de localizar a população do estudo.

A DRA atendeu à solicitação e a lista foi concedida por e-mail, com os 235 nomes, separados por ano de conclusão do Curso, constando o endereço residencial, e-mail e telefones (porém da época que os egressos ainda eram acadêmicos, e desta forma muitos estavam desatualizados). 138 dos nomes não tinham um endereço de e-mail, e destes, 17 também não tinham o número de telefone.

Buscamos no *site* de relacionamentos (Orkut) e foi encontrado uma faixa de 70 a 80 egressos, que foram “adicionados” pela pesquisadora, para obtenção do endereço de e-mail dos mesmos.

O envio do questionário foi feito através da Internet, pelos endereços de e-mail concedidos pela DRA e obtidos através do *site* de relacionamentos; ou entregue e recolhido pessoalmente pelas pesquisadoras ou por outros egressos e colegas que tivessem contato com alguém da população do estudo. Para os questionários respondidos por e-mail, era solicitado o endereço residencial/institucional do egresso, assim o TCLE foi enviado e devolvido pelos Correios, neste caso era enviado junto um envelope selado para devolução; ou, quando possível, foi assinado digitalmente.

Os dados foram colhidos de janeiro a julho de 2009. No fim da pesquisa constatou-se que havia sido estabelecido contato com 136 egressos, o equivalente a 59,5%. Destes, aderiram à pesquisa, 39,5% (ou seja, 23% do total geral); não responderam em tempo hábil, 59,5% e declararam recusa a responder, 1%.

As respostas obtidas foram discutidas segundo os aspectos considerados importantes para cumprir os objetivos propostos no trabalho, sendo que os dados quantitativos foram analisados por meio de números absolutos e percentuais e organizados em gráficos e tabelas. Já os dados qualitativos foram agrupados em unidades temáticas e analisados tendo como suporte teórico conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu como: *habitus*, capital cultural, capital social e campo.

Segundo Bourdieu, *habitus* é um sistema de disposições duráveis, socialmente constituído, sendo o resultado de antecipações práticas que repousam sobre uma experiência adquirida anteriormente. Está condicionado ao comportamento dos indivíduos e constituem “o princípio gerador e unificador do conjunto de práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. Essas práticas e ideologias poderão ser atualizadas em situações mais ou menos favoráveis propiciando uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um

campo intelectual ocupando desta forma, uma posição determinada na estrutura da classe dominante (BOURDIEU, 2004, p.191).

Assim, esse sistema de disposições pode ser apropriado pelos indivíduos através do processo de socialização por eles vivenciado, inicialmente no meio familiar pelas experiências reproduzidas nesse ambiente. Depois de formado passará a constituir a base para experiências posteriores, como as experiências escolares e profissionais.

O conceito de capital cultural surgiu para Bourdieu como uma forma para explicar as desigualdades do desempenho escolar de crianças provenientes de diversas classes sociais relacionado esse desempenho com o sucesso ou o fracasso escolar. Entende-se que o sucesso que as crianças podem conseguir no meio escolar está relacionado com a bagagem cultural que possuem trazidas do convívio familiar. O autor acredita que o capital cultural é transmitido, mais indireta do que diretamente, da família para os filhos. Esta herança cultural, que difere-se de acordo com as classes sociais, “é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito” (BOURDIEU, 1998, p. 74).

Nesse sentido, o capital cultural delega a quem o possui a capacidade de transitar, perceber e conviver com o ambiente escolar, facilitando a apropriação da particularidade no seu trajeto escolar, permitindo assim, manter e ampliar seu capital cultural.

O capital social é definido por Bourdieu (1998) como o conjunto de relações nas quais os agentes se reconhecem como pares ou vinculados a determinados grupos. O volume de capital social possuído por um agente depende tanto da extensão da rede de relações que ele pode mobilizar (família, amigos, clube, nobreza) quanto do volume de capital possuído pelos demais integrantes do grupo ao qual está vinculado.

Já o conceito de campo é entendido como espaços do convívio social ou da prática, que possuem uma determinada estrutura social. É nos campos em que ocorre a adaptação dos *habitus* dos indivíduos. Essa adaptação acontece no espaço de "relações sociais" e expressa também relações de força, de monopólios, de lutas e estratégias, interesses e lucros (BOURDIEU, 1998).

Por fim, para cumprir como os princípios éticos, a proposta de estudo foi encaminhada e aprovada pelos órgãos competentes da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

3 Resultados e discussões

3.1 Caracterização da população

A maior parte dos egressos é do sexo feminino (79,5%), dado que já era esperado, haja vista que os cursos de graduação em Enfermagem, no Brasil, fazem parte dos dez cursos da Educação Superior com maiores percentuais de matrículas do sexo feminino. Segundo Ojeda *et al.* (2007), de 1996 a 2003, das 92.134 matrículas da graduação em Enfermagem, 84,7% correspondia a mulheres. A enfermagem é marcada por questões de gênero desde o início da profissão, e o número alto de mulheres com relação aos homens reforça a cultura de que ainda é uma profissão marcadamente feminina por caracterizar-se pela ação do “cuidar”.

Além disso, Seraphim *et al.* (1996), constataram que nos vinte anos do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná 97% dos alunos do curso eram do sexo feminino e apenas 3%, do sexo masculino. Apontam fatores como remuneração e reconhecimento social que a enfermagem oferece não são capazes ainda de transformá-la em uma profissão aspirada pelo sexo masculino.

O fato de a Enfermagem ser exercida basicamente por mulheres vem reforçar a questão de gênero dentro da profissão, na qual a predominância de mulheres nessa área está associada, às características dadas à Enfermagem desde o início de sua profissionalização. Esse fator revela as dificuldades e a luta que a Enfermagem está enfrentando na tentativa de libertar-se dos condicionamentos e limitações impostas pela cultura.

Para Meyer (1993) a dimensão feminina da Enfermagem está vinculada aos determinantes históricos e sociais que permearam o percurso da profissão. Sua profissionalização decorreu no contexto sócio-histórico de uma sociedade patriarcal capitalista no século XIX, no auge da oposição ao trabalho feminino e, também, quando se iniciam os movimentos de resistência às mulheres. A Enfermagem também possui suas raízes ligadas a comportamentos e atitudes atribuídos a características de natureza feminina, características, estas, consideradas inatas e não adquiridas. Assim, a Enfermagem passa a ser uma continuação do trabalho doméstico, privado, um trabalho "sem começo e nem fim".

A população do estudo situa-se na faixa etária de 23 a 29 anos (68,5%), mas a faixa dos 30 a 39 anos de idade também é representativa (22%); é composta por solteiros (48%), porém o percentual de casados fica perto deste valor (45%).

Quanto à localização, praticamente a metade - 49% - dos enfermeiros respondentes à pesquisa mora em Dourados (MS), 9% em Campo Grande (MS), 7% em Jardim (MS), 4% em Rondonópolis (MT), e em mais dezesseis cidades, cada uma com 2%. A maioria das cidades são do estado do Mato Grosso do Sul, uma vez que no estado estão localizados 83% dos egressos, sendo os demais em outras quatro Unidades Federativas: Mato Grosso, com 5,5%; São Paulo com igual número; Paraná com 3,5% e Rio de Janeiro, 2%.

3.2 Aspectos familiares

Segundo os dados, mais de um terço (35%) dos pais dos egressos possui ensino médio completo, e igual percentual (35%) é das mães que concluíram curso superior, e neste nível de escolarização a média de pais formados é de 16,5%. A seguir, em ordem decrescente, a próxima resposta mais apontada, a escolarização das mães continua a ser de maior nível que a dos pais: enquanto 24% delas completaram o ensino médio, 18,5% dos pais não completaram o ensino fundamental.

Sobre a profissão dos pais, comerciante foi a de maior ocorrência (20%); seguida por agricultor/lavrador (11%); autônomo e técnico contábil vieram em seguida com o mesmo percentual (7%); técnico eletricitista /técnico em eletrotécnica (5%); agropecuarista/pecuarista (3,5%); policial /escrivão da Polícia Civil (3,5%); e o restante com frequência de 2%, a saber: administrador de empresas, advogado, bancário, caminhoneiro, carpinteiro, comerciário, engenheiro agrônomo, engenheiro civil, frentista, funcionário público federal, gerente comercial, gerente de fazenda, mecânico, militar do Exército, pedagogo, professor, pedreiro, pescador, secretário de obras e vereador. Ainda 3,5% dos egressos deixaram sem resposta esta questão.

Apesar das mães dos egressos terem, no geral, um nível de escolarização mais elevado que os pais dos mesmos, nota-se que a maioria é ou era “do lar” (29,50%), contudo, a profissão de professora se faz expressiva (27,50%), comerciante é citada em 15% dos casos; funcionária pública e pedagoga com iguais 5%; e por último, bióloga; doméstica; agropecuarista; empresária; instrutora de trânsito; secretária escolar; secretária executiva; técnica de enfermagem; e telefonista, com frequência de 2% cada.

Durante a graduação, 65% dos egressos não tinham a família residindo em Dourados, sendo que 18,5% estavam fora do MS.

Apenas 20,5% dos egressos viveram em zona rural, em média até nove anos de idade. Alguns fatores que influenciam as trajetórias escolares e as perspectivas de um futuro escolar de uma família podem estar relacionadas às suas histórias de vida. Para Nogueira (1991) de acordo com sua origem rural ou urbana, seus deslocamentos no espaço geográfico com mudanças de Estado, cidades ou bairros pode favorecer para uma maior escolarização.

A família geralmente é composta por até três irmãos (o egresso e mais dois), sendo assim em 72% dos casos; 5,5% são filhos-únicos, 11% têm de três a quatro irmãos, e igual percentual tem cinco ou mais. A média geral é de dois irmãos na família, além do egresso. A maior parte é o primogênito (39%), enquanto 29,5% são caçulas.

Quando perguntados sobre a escolarização dos irmãos, verifica-se que grande parte (40%) tem todos os irmãos formados em curso superior. 25,5% não tem nenhum irmão formado, e o restante têm pelo menos um.

Para Bourdieu (1998), a limitação da fecundidade levando a um menor número de filhos é uma característica das camadas médias, que possuidoras de um menor volume de capital cultural e econômico, mas almejando a ascensão social, se preocupam em conter os gastos e diminuir a prole para poder investir, em cada filho, o máximo possível de recursos. Dessa forma, a dimensão da família exerce grande influência no destino escolar dos descendentes.

A renda familiar média apresenta melhora de nível quando comparada a época da graduação com a atual. Observando a *Tabela I*, é nítida a migração da concentração das três primeiras linhas – salários menores – para as três últimas, embora o percentual da terceira linha (mais que cinco, até dez salários mínimos) seja significativa nos dois casos, ela diminuiu para o aumento percentual nas linhas de mais de dez e mais de vinte salários mínimos. 83% das famílias dos egressos possuem casa própria.

| <i>Tabela I - Renda familiar (em salários mínimos)</i> | | |
|--|-------------------|-------------|
| | Durante graduação | Atualmente |
| >1, até 3 sm | 15% | 2% |
| >3, até 5 sm | 22% | 15% |
| >5, até 10 sm | 44,5% | 37% |
| >10, até 20 sm | 15% | 37% |
| >20 sm | 3,5% | 9% |
| TOTAL | 100% | 100% |

3.3 Aspectos culturais

Todos os egressos afirmam ter o hábito de ler, metade o faz diariamente, 48% ocasionalmente e 2 % aos domingos. Cada egresso citou uma média de três assuntos que costuma ler. Saúde, Enfermagem, em especial assuntos da área de atuação na profissão, notícias e política foram os assuntos com maior frequência.

Para Batista (1998) a leitura é uma estratégia fundamental para o sucesso escolar e, em se tratando de leitura, a herança ou a transmissão entre as gerações é um dos principais fatores pela criação do gosto ou necessidade desse *habitus*. Segundo ele, a aquisição dessa prática é dependente dos *habitus* reproduzidos e manifestados pelos pais, pelas famílias. Assim, o simples fato de ver seus pais lerem jornais, revistas ou livros pode manifestar um aspecto natural para esta prática e cuja identidade social poderá se construir notadamente através deles.

Têm domínio de língua estrangeira 42,5 % dos egressos, 35% têm de um idioma, 3,5% de dois idiomas e 2% de três idiomas.

A televisão, como meio de comunicação utilizado pela família para manter-se informada, foi a mais citada (94,5%), porém vários egressos marcaram mais de um meio, sendo que jornal e rádio tiveram quase a mesma média (26% e 24 %), e por último a internet, em 18,5% .

A trajetória cultural dos egressos estudados pode estar vinculada ao capital cultural adquirido em suas famílias. A incorporação desse capital parece estar relacionada através dos *habitus* da prática de leitura adquirido ainda na família.

Para Bourdieu (2004), as práticas culturais, principalmente aquelas que exigem uma disposição cultivada, como a leitura, a frequência ao teatro, a concertos, ao cinema ou a museus, devem-se também ao volume de capital cultural e econômico despendido pelas famílias.

O convívio familiar em horários de folga parece ter importância mais significativa para grande parte dos egressos (27%), e também as atividades recreativas (20%). Baixo índice teve as atividades comunitárias, políticas e assistenciais, apenas 3,5%.

| | |
|---|-------|
| Convívio familiar | 27,5% |
| Recreativas | 20% |
| Internet | 12,5% |
| Culturais e artísticas | 10% |
| Espportes | 10% |
| Leitura | 10% |
| Assistir televisão | 6,5% |
| Comunitárias, políticas e assistenciais | 3,5% |

3.4 Aspectos da formação escolar

O início da escolarização se deu até os cinco anos de idade para mais de a metade dos egressos (55,5%) e a média geral é representada por 5,6 anos. Ocorreu em zona urbana, e quanto à natureza pública ou particular, é demonstrada na *Tabela III*.

| <i>Tabela III – Escolarização dos egressos</i> | | | | | | |
|--|----------------------|-------------------|----------------------|-------------------|---------------------|-------------------|
| | <i>1ª a 4ª série</i> | | <i>5ª a 8ª série</i> | | <i>Ensino Médio</i> | |
| | <i>nº</i> | <i>Frequência</i> | <i>nº</i> | <i>Frequência</i> | <i>nº</i> | <i>Frequência</i> |
| Público | 38 | 70,5% | 34 | 63% | 18 | 33,5% |
| Particular | 16 | 29,5% | 20 | 37% | 34 | 63% |
| S/resposta | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 3,5% |
| TOTAL | 54 | 100% | 54 | 100% | 54 | 100% |

18,5% dos egressos têm formação em algum curso técnico, destes, metade é em um curso e a outra metade em dois ou três cursos, sendo a média de 1,6 curso técnico por egresso. Quase todos os cursos são ligados à área da saúde: auxiliar de enfermagem (50%), técnico de enfermagem (30%), instrumentação cirúrgica (20%), auxiliar de laboratório (10%), massoterapia (10%), os outros foram secretariado (10%), técnico em contabilidade (10%) e técnico em informática (10%). Nove, dos dez egressos exerceram a profissão técnica, por uma média de 4,8 anos.

Parte significativa (40,5%) já reprovou em alguma série da vida escolar, destes, 14 % reprovaram por duas vezes. Verifica-se que a ocorrência maior de reprovações foi no ensino superior, portanto no Curso de Enfermagem da UEMS. Destas reprovações no curso superior, 69% foram na 3ª série do Curso. As outras reprovações ocorreram no ensino fundamental (25%) e, em menor escala, no ensino médio (8,5%).

65% dos egressos freqüentaram curso pré-vestibular antes de ingressar na enfermagem da UEMS, porém o período foi curto, cerca de sete meses e meio em média. Quanto ao número de exames vestibulares prestados, a maioria concentra-se entre 2 (34%) ou 3 (30%), sendo a média geral de três.

Muitos egressos tentaram ingressar em outro curso que não fosse enfermagem da UEMS (74%), parte destes foi em enfermagem de outras instituições. Dentre os dezoito cursos mencionados, o de medicina teve o maior índice, 30%; farmácia 22,5%, direito e odontologia tiveram iguais 10%.

No entanto, apenas 18,5% iniciaram os estudos em outro curso superior, mas nenhum chegou a concluir, não exercendo, portanto, essas profissões.

Nas atividades que ajudaram no desempenho do egresso na graduação, destaca-se os projetos de extensão, citado por 65% deles; 29% marcaram mais de uma atividade, sendo projetos de pesquisa 22%, monitoria 20,5%, projetos de ensino 16,5%. Afirmaram “nenhuma atividade”, 5,5% dos egressos.

3.5 Aspectos profissionais

Observa-se que a inserção do egresso no mercado de trabalho é imediata (79,5%) e se dá por meio de contrato de trabalho (89%) na grande maioria dos casos.

Mas, para os que encontraram dificuldade em conseguir o primeiro emprego, a causa mais marcante é a falta de experiência profissional, lembrada por 54,5% destes. Há fatores também como o mercado saturado (18%), falta de interesse das instituições locais em analisar o currículo dos recém-formados (9%), influência política (9%); e fatores pessoais dos egressos, como preferência de morar próximo a Dourados (18%), insegurança “*não sentir-se preparado(a) para entrar no mercado de trabalho (E-29)*” (9%), ou até mesmo falta de locomoção para realização de concursos em outras cidades (9%), diminuindo as possibilidades de emprego.

Muitos egressos estão no segundo emprego (46%). Uma quantia significativa (37%) permaneceu por menos de um ano no primeiro emprego ou por um ano (25,5%) considerando que a maioria que respondeu é das três últimas turmas, que formaram há no máximo 5 anos, 18,5% apenas afirmaram ter ficado de quatro a sete anos no primeiro emprego. Salienta-se que 20,5% nunca mudaram de emprego.

Observa-se que as mudanças de emprego se deram por escolha ou por necessidade dos próprios profissionais, como aprovação em concurso público (32,5%); mudança de cidade ou questões familiares (21%); melhor oportunidade de crescimento e realização profissional (18,5%); melhor remuneração em outro emprego (16%); insatisfação com a área de atuação anterior (7%) e oportunidade de atuar na área em que se especializou (2,5%). Porém alguns citaram questões políticas (7%), que caracterizaram-se por mudança de administração, ou a não convivência com ações da administração pública do local.

Os enfermeiros egressos que consideram que o Curso de Enfermagem da UEMS os preparou para o mercado profissional, somam 57,5%; outros 31,5% dizem que a preparação foi parcial. O Curso superou as expectativas de 5,5% dos egressos, por outro lado 2% consideram que foi insatisfatório, ou seja, não preparou para o mercado. 3,5% absteram-se de responder esta questão.

3.5.1 Educação continuada

A participação de grande número de egressos em curso *lato e strictu sensu* pode estar relacionada ao volume de capital cultural possuído pelos mesmos, como também, pela necessidade de maior formação/aperfeiçoamento e pela busca constante de novos conhecimentos atribuída pelo contexto em que estão inseridos, bem como pelas exigências do contexto político e econômico vigente.

Quanto aos enfermeiros pesquisados, 83% fizeram pós-graduação *lato sensu*, sendo que os de maior frequência são as especializações em Saúde Coletiva e da Família (31%); Enfermagem do Trabalho (18%); Enfermagem em Urgência e Emergência (13,5%). A média é de 1,5 curso *lato sensu* por egresso.

As instituições de ensino onde os egressos especializaram-se são predominantemente particulares (76%) e localizadas em Dourados, na capital do Estado (Campo Grande), e em algumas cidades do Paraná (Capanema, Londrina). Há em menor número, instituições do estado do Mato Grosso, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

De acordo com Missio (2007, p. 63- 64), na Enfermagem:

“os cursos de Pós-graduação surgiram na década de 1970 com o objetivo de preparar docentes e pesquisadores, como também de conferir um valor simbólico ao diploma de graduação desvalorizado em virtude do crescimento do número de graduados. O primeiro curso foi instituído em 1972 na escola Ana Nery no Rio de Janeiro e os primeiros trabalhos desenvolvidos voltavam-se para as questões específicas e internas do exercício da profissão [...] a Pós-graduação representa uma referência institucional indispensável à formação de recursos humanos altamente qualificados e ao fortalecimento do potencial científico-tecnológico nacional.”

Cinco egressos concluíram (60%) ou estão concluindo (40%) pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado, sendo as seguintes áreas: Enfermagem (Universidade Federal de Goiás);

Educação (UFGD); Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso (USP); Medicina II (UFMS) e Pedagogia (PUC). Um egresso é doutorando em Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso (USP).

87% dos egressos afirmam terem feito cursos de aperfeiçoamento após a graduação (cursos que variam de 10 horas/aulas a mais de 40 horas/aulas).

3.5.2 Área de atuação

Os egressos respondentes à pesquisa, estão inseridos basicamente em três áreas de atuação: hospital, ESF (Estratégia de Saúde da Família) e ensino, todos em torno de 30% . Salienta-se que a alta incidência de ensino possivelmente deve-se ao fato de que a maioria dos egressos localizam-se em Dourados, onde há campo para esta atuação, uma vez que na cidade e região há três instituições que oferecem o curso superior de enfermagem, e várias que oferecem o curso técnico de enfermagem e outros, vinculados à área da saúde.

As outras áreas de atuação foram gestão (5,5%); enfermagem do trabalho (2%) e “outros” (13%), onde incluem-se enfermeiro (a) de CAPS (Centro de Atenção Psicossocial); de UBS (Unidade Básica de Saúde); coordenação de *home care*; vigilância epidemiológica municipal, fiscalização do Conselho Regional de Enfermagem (COREN), pesquisador da USP.

Destaca-se que 13% dos enfermeiros atuam em mais de uma área da enfermagem.

3.5.3 Dificuldades e satisfação com a profissão

Há enfermeiros que afirmam não terem dificuldades no desempenho da profissão, estes são um número reduzido (por volta de 6%), o restante, 94%, descrevem dificuldades como as relatadas a seguir.

“Sobrecarga de trabalho sobre o profissional enfermeiro na ESF: muitas funções – coordenar equipe, assistência, supervisão, faz trabalho de nutricionista, psicólogo, profissionais que não fazem parte da Estratégia.”[E-50]

“Muito trabalho burocrático que acaba impedindo de certa forma a realização da SAE.”
[E-23]

As dificuldades apontada podem estar relacionada ao acúmulo de funções, o que gera a aumento excessivo de responsabilidades a cargo do enfermeiro, trazendo desgaste físico e intelectual; a falta de pessoal é um agravante para esta situação, uma vez que o enfermeiro acaba realizando outras tarefas alheias às suas.

Os egressos mencionam também os problemas culturais, em vários seguimentos da sociedade, onde valoriza-se mais o hospitalocentrismo, o enfoque curativo em vez do preventivo.

A desunião de classe foi uma expressão bastante inferida, os enfermeiros sentem desinteresse de muitos colegas em lutar por condições melhores de trabalho e remuneração, afirmam que há uma competitividade além da medida *entre* a classe, e não *pela* classe.

Há uma desvalorização percebida pelos enfermeiros, que sentem isso na defasagem salarial concomitante à jornada excessiva de trabalho, além de falta de reconhecimento, seja pela sociedade, seja por outros profissionais, que não “enxergam” muitas vezes o trabalho da enfermagem.

“Dificuldade de reconhecimento da profissão, os outros profissionais (administrador, médico) não conhecem ou têm dificuldade de enxergar o trabalho do enfermeiro, temos que “matar um leão por dia” para mostrar nosso trabalho.”[E-30]

Segundo os enfermeiros, a carga horária extensa e a remuneração não compatível com as funções do enfermeiro também acarretam em falta de incentivo para atualizações, cursos de aperfeiçoamentos. A remuneração repercute na satisfação pessoal, na valorização social da profissão e para o desenvolvimento e participação na educação continuada (especialização, participação em eventos, congressos, cursos).

Apesar disso, percebe-se que a educação continuada está presente na vida dos egressos, como já foi descrito anteriormente. Isso demonstra que o interesse na própria qualificação supera muitas vezes as dificuldades.

A desvalorização das faculdades de enfermagem também é vista como um fato e que prejudica a profissão, conforme é percebido na seguinte fala:

“[...] está havendo uma desvalorização das faculdades de enfermagem, que estão lançando no mercado profissionais sem qualificação, sem perfil e que, deste modo, estão denegrindo a classe e imagem do enfermeiro.”[E-2]

Atribui-se a esta desvalorização a multiplicação de cursos superiores de enfermagem em nosso meio, evidenciando um crescimento quantitativo quem nem sempre é acompanhado pelo qualitativo na mesma velocidade. Para Missio (2007), o crescimento quantitativo do Ensino Superior possibilitou a graduação para um outro público, estudantes do gênero feminino, alunos que já trabalhavam e que viram no curso superior uma oportunidade de ascensão profissional e indivíduos de níveis sociais menos privilegiados que anteriormente não teriam chances de ingresso no Ensino Superior.

Esse crescimento dos cursos superiores no Brasil deu-se, sobretudo, no setor privado. No caso específico da Enfermagem não foi diferente, houve uma expansão de 286,79% de cursos de graduação no país, concentradas principalmente na região sudeste e sul. Destaca-se que na nossa região, o centro-oeste, o crescimento também foi substancial, de cinco cursos em 1991, havia 29 em 2004, com maior representatividade da rede privada de ensino (MISSIO, 2007).

A falta de autonomia, principalmente relacionada a assuntos políticos, é outra questão trazida na fala dos egressos. Os enfermeiros afirmam ter dificuldades em desempenhar de forma mais adequada seu trabalho por falta de conhecimento por parte dos gestores em saúde, que novamente trazem a tona questões culturais: a valorização somente da medicina curativa. Além disso, as questões políticas interferem neste aspecto, como aponta E-17.

“Acabo sentindo-me a mercê do poder político local, o qual limita as atividades que considero importantes para a saúde da população, como por exemplo, ações de promoção da saúde e prevenção de agravos.”

Dificuldade em liderar a equipe e promover um trabalho em conjunto, foi citada por alguns, uma vez que afirmam que as relações interpessoais são uma das faces mais difíceis de se atuar na profissão.

A falta de infraestrutura e materiais é uma ocorrência frequente, o enfermeiro precisa improvisar para desempenhar suas funções, o atendimento ao cliente é prejudicado ou insuficiente, por estes fatores.

Relacionar a teoria com a prática é vista como dificuldade para alguns egressos, outros consideram que a academia deu ênfase insuficiente em áreas nos quais são atuantes, como saúde pública, legislação, saúde mental, ensino (lecionar). A dificuldade enfrentada na profissão, pelo menos no início do exercício do ser enfermeiro, foi atribuída a este fato.

No entanto, apesar das dificuldades supra-citadas, é positivo o grau de satisfação dos enfermeiros com a profissão, já que 85% afirmam estar satisfeitos “*apesar de*”. Mesmo que, destes, 6,5% fizeram questão de destacar que a satisfação é parcial, ainda o índice de satisfeitos é alto.

As principais razões para a realização pessoal e profissional como enfermeiros constituem-se no “gostar de ser enfermeiro”, o amor à profissão, o sentimento de satisfação, de reconhecimento, de gratificação ao ver os resultados do trabalho realizado.

“Ser Enfermeira é muito gratificante, é o tocar, o curar, o curativo, a boa conversa, a palestra, a amizade, é o dia-a-dia, fazendo se cumprir um juramento, que foi feito.” [E - 08]

Desta forma, os profissionais sentem-se cumpridores do seu papel na sociedade, para com seu clientes. Outras considerações positivas feitas à profissão foram o vasto campo de atuação que ela possibilita, a estabilidade financeira, o crescimento pessoal e profissional, como apontam os seguintes relatos:

“Porque a Enfermagem é uma profissão que contempla um vasto campo de atuação, e atualmente, tem sido valorizada, reconhecida, necessária.” [E-17]

“Pois apesar de toda dificuldade ainda assim conseguimos exercê-la de forma que levamos o melhor para o paciente que ali está precisando de nosso trabalho. Porque trabalho diretamente com o paciente, em alguns casos saudável, podendo levar um pouco de saúde, prevenção à casa dele, antes que a doença ou complicações apareçam.” [E-39]

4 Considerações finais

Conclui-se que o egresso do Curso de Enfermagem da UEMS, do ano de 1998 a 2006; é jovem, há prevalência do sexo feminino; concentra-se em Dourados e região.

As mães dos mesmos possuem maior nível de escolarização que os pais (estes se ocupam de serviços manuais); a família é média. O principal meio de informação familiar é a televisão. Houve ascensão de renda familiar após a conclusão do Curso.

Os enfermeiros possuem o hábito da leitura, principalmente de assuntos da área de enfermagem; por outro lado há pouca procura por atividades culturais nos momentos de lazer.

O ensino público foi dominante no ensino fundamental, porém ficou abaixo do particular no ensino médio. A escolarização se deu em zona urbana. Parte significativa já reprovou em alguma série, principalmente do ensino superior. No geral os enfermeiros não têm formação técnica prévia, e quando tem, metade destes é de auxiliar de enfermagem. Possuem o hábito da leitura, e lêem assuntos na sua área profissional.

A inserção no mercado de trabalho foi predominantemente por contrato de trabalho e imediata após a conclusão do Curso. Porém, posteriormente vários assumiram concurso público, sendo este um dos motivos de mudanças de emprego, estes caracterizados por serem de interesse do profissional, que muda de emprego para ascender profissionalmente. As áreas de maior atuação desses egressos são ESF, hospital e ensino. Inclusive alguns demonstram que sentiram falta de maior abordagem na academia dos assuntos de gestão e ensino, ficando a sugestão destas medidas com relação ao currículo do Curso.

São enfermeiros que valorizam a educação continuada, enfrentam dificuldades na enfermagem, mas apesar disso são realizados com a profissão. E têm consciência do seu papel perante a sociedade, buscando cumpri-lo. Percebeu-se que as especializações feitas pelos egressos são voltadas às áreas de atuação dos mesmos, o que demonstra o enfoque na busca por subsídios para fortalecimento da prática profissional.

Agradecimentos

A Deus, por tudo;

À PROPP - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEMS pela concessão da bolsa de pesquisa;

Aos egressos das oito primeiras turmas do Curso de Enfermagem da UEMS;

A todas as pessoas que de forma direta ou indireta, contribuíram para este trabalho, *muito obrigada!!!*

Referências bibliográficas

BATISTA, A. A. G. Os(as) professores(as) são “não-leitores”? In: MARINHO, M., SILVA, C.P. R. (Org.). **Leituras do professor**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ESPIRIDIANO, E. **Repensando a formação do Enfermeiro: o processo de conscientização crítica e práticas docentes à luz do referencial ético-humanista**. 2005. 314 f. Tese (Doutorado em Enfermagem), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

GALLEGUILLOS, T.G.B.; OLIVEIRA, M.A.C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 80-7, mar.2001. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reensp/upload/pdf/568.pdf>> (último acesso em 24/10/2008).

MATO GROSSO DO SUL. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Histórico de criação da UEMS**. 2008. Disponível em: <www.uems.br> (último acesso em 03/04/2008).

MEYER, D. E. "... Porque só mulheres?" - O gênero da enfermeira e suas implicações. In: **Rev. Gaúcha de Enferm.** Porto Alegre, v.14, n.1, p. 45-52, jan.1993.

MISSIO, L. **O curso de Enfermagem da UEMS: um estudo da primeira turma de egressos – 1998**. 2001.179p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Fundamentos da Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.

_____. **O entrelaçar dos fios na construção da identidade docente dos professores do Curso de Enfermagem da UEMS**. 260 p. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

NOGUEIRA, M. A. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 3, p. 89-112, 1991.

NOSELLA, P., BUFFA, Ester. **Universidade de São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948-1971**. São Carlos: EDUFSCar, 2000.

OJEDA, B.S. Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes. **Rev Bras Enferm**, Brasília, 2008 jan-fev; 61(1): 78-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/12.pdf>> (último acesso em 15/06/2009).

SERAPHIM, G. B.; MAZZA, V. de A.; LABRONICI, L. M.; NAKAYAMA, M. Y.; POLÔNIO, V.; MAYER, E. Os vinte anos do curso de enfermagem da Universidade Federal do Paraná e a trajetória de seus egressos. In: **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.49, n.3, p.409-424, jul/set. 1996.